

## APRESENTAÇÃO

*Paulo Pereira \**

No mundo contemporâneo, a identidade das comunidades locais detém um papel fundamental. Os factores de identidade podem ajudar não apenas na fixação da população que se revê em projectos culturais de diverso teor (especialmente em casos de pequenas comunidades, aldeias ou vilas), como também no reatamento da relação com a cidade, quase sempre mais errática no que respeita a referências estáveis. Quando nas comunidades de pequena escala o que está em causa é o reencontro com valores tradicionais reconhecendo a sua importância no necessário e permanente diálogo com o que de novo lhes chega (de uma tarefa de integração se trata) nas grandes cidades é o reconhecimento da instabilidade como factor de existência e transformação que assume papel prioritário.

Em nenhum dos casos, porém, se pode e deve falar de super-identidade. Efectivamente, tem sido este, quase sempre, o ninho dos maiores equívocos no que respeita à afirmação dos povos, ninho também das mais variadas e matizadas violências.

É urgente, pois, exercer um trabalho humanista, em que a afirmação da identidade ande a par do conhecimento das diferenças e das dinâmicas de transformação do espaço físico e do tecido social. Não se pode reduzir o entendimento a um só ponto de vista, o que corresponderia a um fecho integralista do espírito à livre expressão. Nem tão pouco se deve dar livre curso ao desregramento, que é o contrário da tolerância e do conhecimento.

Neste momento, as autarquias detém um lugar invejável, porque com o crescimento das autonomias regionais é a elas que cabe esse papel regulador que deve começar pela cultura. E ao serviço da cultura, os museus — na diversidade dos seus programas, na possibilidade da

---

resposta de cada um a cada uma das situações geradas no lugar onde se inserem — devem equacionar todos os problemas, e definir assim o seu campo de intervenção.

\* — Chefe da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa